

# CONSTRUINDO A MEMÓRIA

AS COLECÇÕES DO MUSEU  
ARQUEOLÓGICO DO CARMO

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA E EDITORIAL

José Morais Arnaud  
Carla Varela Fernandes

FOTOGRAFIA

Divisão de Documentação Fotográfica  
do Instituto Português de Museus

*Coordenação*

Vitória Mesquita e José Pessoa

*Fotógrafo*

José Pessoa

*Assistido por*

José António Moreira  
Sofia Torrado  
Tiago Monteiro

OUTRAS FOTOGRAFIAS

Henrique Ruas, Armando Serôdio, Mário Novaes  
Paulo Guedes, Artur Leitão Bárcia, Manuel Tavares  
Scott Hyde, José Morais Arnaud, Carla Varela Fernandes  
João Ludgero Gonçalves, Paulo Cintra/Laura Castro Caldas  
F.E. Rodrigues Ferreira, Duarte Morgado, Adélia Cavaco Gomes  
Sónia Pires, Maria da Conceição Ribeiro  
Emanuel Santos de Almeida, Mário Varela Gomes

EDIÇÃO

Lisboa 2005

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

© Os Autores

Nenhum texto ou imagem deste livro poderá ser reproduzido,  
no todo ou em parte, sem prévia autorização do editor

PROJECTO GRÁFICO

*oficina de design*: Nuno Vale Cardoso+Nina Barreiros

REVISÃO

António Alves Martins

PRÉ-IMPRESSÃO

Textype

IMPRESSÃO

Printer Portuguesa

DEPÓSITO LEGAL

233 430/05

ISBN

972-9451-46-X

Associação dos Arqueólogos Portugueses  
Museu Arqueológico do Carmo  
Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa, Portugal



# O sagrado em Vila Nova de São Pedro. Antigas e novas perspectivas

Mário Varela Gomes\*

\* Sócio efectivo da AAP.  
Membro da Academia Portuguesa da História e da Academia Nacional de Belas-Artes.

## 1. Principais questões

**A** verdadeiramente inesperada quantidade e diversidade de objectos atribuídos às actividades mágico-religiosas exumados em Vila Nova de São Pedro (VNSP), não fora, de igual modo, a numerosíssima presença de artefactos claramente conotados com múltiplas actividades económicas, conduziria a linearmente deduzirmos que aquele arqueossítio corresponderia a enorme santuário.

Como poderemos então explicar tal profusão de artefactos ideotécnicos (ou seja, com contexto funcional primário na componente ideológica do sistema social, conforme definiu L.R. Binford)? Ou a simbologia claramente religiosa patente em outros de carácter sócio-técnico, conforme ilustra, por exemplo, bom número de placas de cerâmica, muito presumivelmente utilizadas na tecelagem?

Será que no povoado de VNSP existiram santuários, ou áreas rituais, mesmo que de dimensões modestas, talvez no âmbito dos espaços correspondentes às habitações de natureza familiar?

Outra questão, não despendiça, reside em reunir os argumentos capazes de permitirem construir modelos que tentem explicar a presença e possíveis funções sociais dos artefactos, como dos símbolos, produzidos com finalidade estritamente religiosa, os primeiros também por vezes denominados votivos, no seio das actividades processadas no povoado.

Importa, ainda, perceber se todos os objectos a que foi atribuída classificação funcional no quadro genérico das manifestações mágico-religiosas, podem, segundo os conhecimentos actuais, continuar a suportar tais interpretações. Recordemos que, já na primeira metade do passado século, V. Gordon Childe alertava para a extrema facilidade com que eram conferidas finalidades religiosas a estruturas, ou a utensílios, quando a sua utilidade prática, em termos económicos, era desconhecida. Assim cresceram, indevidamente, os denominados idoliformes, que bem integram as actuais, e tão em moda, interpretações de carácter simbólico.

Comecemos pelo princípio e vejamos quais os testemunhos que devem fazer parte da complexa vertente que pretendemos analisar, qual a informação proporcionada pelos artefactos em si e pelos contextos arqueológicos e funcionais que integravam, designadamente, as condições de jazida e os dados oferecidos pelas observações dos seus escavadores.



Cabeça de alfinete de osso em forma de ave.  
Foto: José Pessoa/DDF/IPM

## 2. O contexto

É logo nas páginas introdutórias do primeiro artigo publicado por A. do Paço e E. Jalhay, sobre a 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> campanhas de escavações em VNSP (1937, 1938), que se refere ter surgido, à mistura com derrubes de estruturas habitacionais, “uma infinidade” de restos de artefactos, entre os quais se assinalaram “cilindros de calcário”.

Naquele mesmo texto é dedicado subcapítulo aos “cilindros”, em que se diz terem sido encontrados “[...] bastantes destes objectos, de mui variadas dimensões e feitios diversos pois há-os tronco-cónicos e cilíndricos. Todos lisos, só um, o de maiores dimensões, é que contém numa das extremidades dois pares de sulcos simbolizando, por certo, tatuagem facial”. Em seguida, os mesmos autores informam que descobriram dois cilindros de cristal de rocha e outro de barro, com olhos e “tatuagem facial”. Referem o carácter sepulcral até então exclusivo de tais artefactos e a sua associação a conjuntos de ossos na sepultura da Serra das Mutelas, conforme assinalou V. Correia.

Ali se fazem, também, brevíssimas considerações sobre placas de xisto e aos fragmentos de tais artefactos, “com desenhos”, descobertos em VNSP, tal como sobre a decoração das placas quadrangulares ou rectangulares de cerâmica, interpretadas como pesos de tear, e cuja iconografia, incisa, de carácter geométrico, astronómico ou zoomórfico, reconhecem ser comparável “[...] com pinturas muito semelhantes de grutas e dolmens”, ou com a ornamentação de recipientes calcolíticos. São ainda mencionados um cilindro com face antropomórfica e três pequenos “chifres” de cerâmica, figura feminina, no mesmo material, que é equiparada com peça do povoado de Almizaraque, no Sudeste Peninsular.

Os autores que temos vindo a citar conferiram o título “ídolos” a subcapítulo do seu trabalho pioneiro, ali descrevendo elemento cilíndrico de marfim, “meticulosamente trabalhado e pulido”, e outros, de osso, com forma semelhante mas providos de gola em uma das extremidades, interpretada como elemento para fixação ou suspensão, assim como falange decorada através de pintura de cor vermelha.

Em texto onde se descreveram os resultados da 6.<sup>a</sup> campanha de escavações em VNSP (1942), é dedicado subcapítulo aos “instrumentos religiosos (?) ou funerários”, referindo-se o achado de novos “cilindros de calcário”, um dos quais com olhos gravados, de par de fragmentos de placas de xisto, uma delas oculada, e de “pinha ou fruto” de calcário, que é posta em paralelo com outras procedentes da Estremadura e interpretada como representação da “flor da palmeira”, no que seguem L. Siret. Na mesma campanha de trabalhos surgiram dois fragmentos de pequenas peças coroplásticas antropomórficas, um deles identificável com porção de tronco, parecendo o segundo corresponder a prótomo humano, muito estilizado, e ao arranque do corpo, sendo então descrito como “cabeça minúscula dum cão ou carneiro”. Estes testemunhos foram, pela primeira vez, relacionados com figurações do Egipto pré-dinástico, ajudando ao desenvolvimento da tese da origem africana de VNSP, problemática cuja abordagem se tinha iniciado em

trabalho anterior, onde foram tratados os resultados referentes às 3.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> campanhas de exploração, em detrimento das filiações atlânticas, expressadas no primeiro texto dos mesmos autores sobre este arqueossítio.

A. do Paço e E. Jalhay reconhecem, certamente devido à metodologia aplicada, a impossibilidade de detectarem “estratos bem definidos”, tendo apenas identificado “manchas de detritos e cinzas”, a que chamaram “fundos de cabanas”, pelo que os materiais descobertos só muito raramente foram atribuídos a níveis arqueológicos ou a estruturas particulares, impossibilitando a sua interpretação contextual e, em grande medida, funcional.

Aquela mesma perspectiva caracterizará os trabalhos subsequentes, em que se descrevem, sucintamente e muitas das vezes por grupos ou conjuntos, os espólios exumados e se oferecem alguns paralelos, tendo em vista, sobretudo, a sua atribuição cronológica e cultural.

Não constituem excepção, ao panorama indicado, escritos de A. do Paço, com carácter monográfico, como os intitulados “Figurinha de barro da Pedra de Ouro”, em que refere como paralelo uma das por ele exumadas em VNSP, “Placas de barro de Vila Nova de São Pedro” ou “Castro de Vila Nova de São Pedro, XIII – Recipientes de osso e calcário”.

Apenas o achado, na 3.<sup>a</sup> campanha de escavações, de vasilha de cerâmica com dimensões invulgares, “[...] colocada sob uma camada de barro amassado, [...]” haveria de proporcionar melhor informação, surgindo mesmo desenho do corte estratigráfico que a integrava e planta da área explorada, assim como artigo especialmente a ela dedicado.

Em 1945 A. do Paço e E. Jalhay publicaram, em Espanha, síntese dos trabalhos até então efectuados em VNSP e em que o subcapítulo “Objectos a los que se atribuye finalidad religiosa”, corresponde a quanto já haviam escrito sobre o assunto.

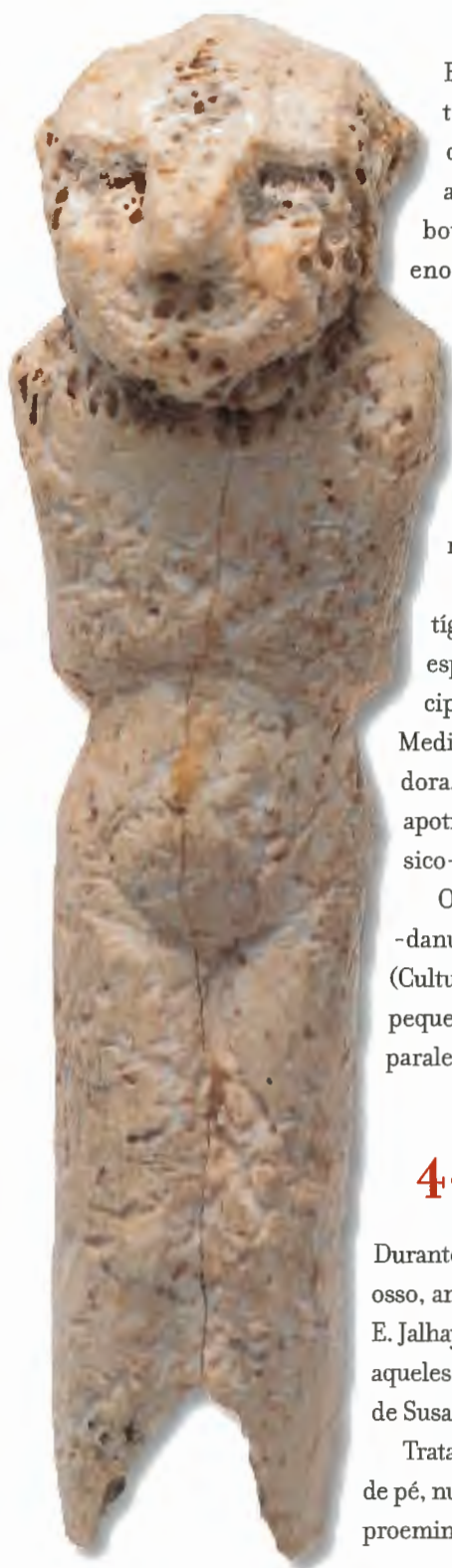
Ali é apresentado, julgo que pela primeira vez, corte esquemático que incluía a primeira linha de muralhas e um outro da denominada cisterna, datando de 1955 o primeiro levantamento, constituído por planta e cortes, algo esquemáticos, das grandes estruturas até então postas a descoberto, trabalho que se deve a E. Sangmeister.

### 3. Um depósito fundador?

A 3.<sup>a</sup> campanha de escavações, efectuada em 1939 na zona ocidental do povoado e sob a direcção de A. do Paço e E. Jalhay, conduziu à descoberta, a cerca de 1,3 metros de profundidade, de grande vasilha de cerâmica. Esta apresenta forma hemisférica, medindo 0,58 metros de diâmetro no bordo e 0,38 metros de altura, jazendo envolta em pedras, sobre os restos osteológicos de bovídeo e de outros mamíferos. O primeiro animal foi depositado no sentido norte-sul, com a cabeça dirigida naquela última direcção e junto havia sinais de fogo, tal como pequeno vaso de cerâmica.

O conjunto referido ocupava fossa, “selada” por camada de terra argamassada com pedras, sobreposta por nível de ocupação calcolítico que incluía “fundos de cabana”.





Estatueta antropomórfica de osso.  
Foto: José Pessoa/DDF/IPM

Em trabalho datado de 1942, A. do Paço voltou a ocupar-se da grande vasilha e das características peculiares da sua deposição. Ficou então registado que além dos ossos de bovívdeo e de outros animais, que se conservavam sob o grande vaso, foram encontrados, a cerca de 4 metros para nascente daquele e quase à mesma cota, testemunhos de outro bovívdeo, considerado “corpulento”, cobertos por camada de barro amassada, que selava enorme fossa. Esta atingia 2 metros na zona mais profunda e estendia-se por área com planta trapezoidal, medindo mais de 10 metros de comprimento, em um dos topos 3,5 metros e no topo oposto cerca do dobro daquela extensão. Tanto no lado sul como oeste, a fossa era delimitada por alinhamentos de pedras.

Sobre o conteúdo do grande vaso sabemos, apenas, que guardava “[...] terra, algumas pedras e ossos, [...]”, tendo o conjunto de estruturas, e o espólio a ele associado, sido interpretados como testemunhos de “cerimónia religiosa, praticada certamente no princípio, talvez numa consagração do local [...]”.

Não se conhecem, em quaisquer outros povoados calcolíticos do território português, vestígios semelhantes, conotados com a superestrutura sagrada e onde foi conferida aos bovídeos especial importância ao nível sacrificial. Conforme salientou M. Gimbutas, a epifania da principal divindade masculina é em forma de touro, tendo aquele animal sido conotado, na Bacia Mediterrânica e, sobretudo, no Próximo Oriente, com o princípio masculino da força fecundadora, da virilidade, do poder e da renovação cíclica, associando-se às qualidades profiláticas ou apotropaicas, em numerosos objectos com funções rituais, aspecto próprio das divindades genésico-agrárias, a que as deusas-mãe se associam ou de que simbolicamente se apropriam.

O ritual observado em VNSP recorda “sacrifícios de fundação” neolíticos da região cárpato-danubiana, onde sob algumas casas têm sido descobertas fossas contendo crânios de bovídeos (Culturas de Lengyel e Tripolye). Em um desses depósitos votivos (Sabatinovka) foi detectada pequena escultura feminina de cerâmica, depositada sobre crânio de boi, encontrando-se outros paralelos no Próximo Oriente, nomeadamente em Tell Aswad (Iraque).

#### 4. “... o mais notável objecto...”

Durante a escavação levada a cabo no lado poente do povoado, em 1941, foi exumada estatueta de osso, antropomórfica, medindo pouco mais de 0,05 metros de altura, considerada por A. do Paço e E. Jalhay, muito justamente, “[...] o mais notável objecto encontrado até hoje, [...]” e que, segundo aqueles arqueólogos, o perspicaz H. Breuil logo haveria de comparar com “[...] estatuetas orientais, de Susa e de Caldeia”, tendo eles próprios proposto origem egípcia ou pré-micénica.

Trata-se de representação feminina, e não masculina como os seus descobridores a interpretaram, de pé, nua e hierática, com os braços cruzados sobre o peito e as mãos abertas. O ventre é ligeiramente proeminente, embora os caracteres sexuais exteriores não tenham sido evidenciados.

A face é prognata, com nariz longo e largo, quase na continuação do plano da testa. Duas pequenas orelhas foram parcialmente destruídas. Apresenta, no conjunto, aspecto felino, constituindo, certamente, figuração híbrida, em atitude de recolhimento.

Os rasgos estilísticos são orientalizantes, devendo a nudez, o hibridismo e o gesto, indicarem representação de divindade feminina, conotada com a Natureza.

Numa perspectiva mais ousada, o teriantropismo, na vertente felina, conduz-nos aos inevitáveis paralelos com divindades femininas próximo-orientais, do III milénio, de que o leão era atributo, como a acádica Ishtar, a "Senhora do Paraíso", ou a síria Astarte, deusas da guerra e do amor, embora não assumam o carácter essencial de deusas-mãe, sendo ainda conotadas com a estrela de alva e do entardecer. Por outro lado, são bem conhecidas as figurações da deusa Ísis, sincretizada na Assíria e Babilónia com Ishtar, considerada a grande deusa-mãe do Egipto, a mãe divina, surgindo com cabeça leonina, afinidade cultural que se encontra reforçada, em VN-SP, através de elementos iconográficos patentes em elegantes alfinetes de cabelo, em osso. Num deles observa-se falcão, incluível símbolo de Hórus, em outros discos solares, aludindo ao triunfo daquele deus renovador, mas também existem exemplares com palmetas e bolbos de lótus, que constituíram, no Antigo Egipto e em diferentes zonas do Levante, símbolos apotropaicos, ligados à fecundidade e à realeza de origem divina, talvez com génese na Síria e Palestina.

Estatueta feminina em terracota.  
Foto: José Pessoa/DDF/IPM

## 5. A deusa-mãe?

Cinco fragmentos de produções coroplásticas, de pequeno formato, correspondendo a estilizações antropomórficas, femininas e nuas, foram encontrados em diversas zonas do povoado de VN-SP.

É possível que tais imagens representem divindade, cujas características antropomórficas, como a presença dos olhos, por vezes solares, de tatuagens faciais, dos seios, de cabeleiras e do sexo, também permitem que a identifiquemos sobre muitos outros suportes, tal como em artefactos cujo valor simbólico tentaremos, adiante, abordar.

A mais conhecida de tais figurações chegadas até nós, surgiu em uma das duas primeiras campanhas de escavações e corresponde à metade inferior de representação feminina, de aspecto prismático, assente em base plana e onde se reconhece enorme triângulo púbico. Este encontra-se contornado por traço inciso e preenchido por pontilhado.

Os paralelismos, já indicados por A. do Paço e E. Jalhay, com imagem descoberta por L. Siret em Almazaraque, no Sudeste Peninsular, são pertinentes, embora aquela, igualmente fracturada, mostre as pernas.







Estatueta feminina em terracota.  
Foto: José Pessoa/DDF/IPM

Na 5.<sup>a</sup> campanha, efectuada em 1941, surgiu, ainda no lado exterior da cidadela, mas em local oposto ao de proveniência da imagem anteriormente referida, parte de nova figurinha. Esta conserva a cabeça, contendo nariz proeminente, dois pequenos olhos e tatuagem facial, assente em pescoço alto e largo, observando-se parte do tronco, com os seios e o arranque de um braço, destacado do corpo.

Dois outros fragmentos, de pequenas peças coroplásticas, foram exumados durante a 6.<sup>a</sup> campanha de escavações. Um deles corresponde ao tronco de personagem feminina, prismático e algo achatado, com os seios em relevo e a representação incisa dos cabelos caídos em ziguezague ao longo das costas, enquanto o outro mostra cabeça esquemática, talvez zoomórfica, com forma de ave (?), e o arranque do corpo.

Um quinto fragmento integra a metade superior de figuração paralelepipedica, onde se descobrem, junto ao topo de um dos lados, dois pequeníssimos orifícios, representando os olhos, e, na face oposta, restos de longa cabeleira, incisa em ziguezague, cujos traços foram preenchidos por massa de cor branca.

O realce dado, nos exemplares referidos, aos órgãos femininos ligados à actividade sexual, e à reprodução, sugere indicar a promoção da fertilidade, não só humana mas possivelmente em geral, proporcionando o bem-estar colectivo.

Naquele sentido, parece-nos interessante sobrelevar o facto de as peças em apreço de VNSP serem produzidas em cerâmica, como as criaturas primordiais, e descobertas não só dispersas pela área do povoado, não integradas em santuários, como fragmentadas, o que também acontecia com outras encontradas em povoados calcolíticos do Sul de Portugal. Duas, hoje acéfalas, mas onde se reconhecem os seios, são provenientes do Monte da Tumba (Torrão), enquanto um terceiro fragmento foi exumado no Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz), figurando parte da cabeça e do corpo, com cabeleira ou tatuagens incisadas, existindo, ao que parece, outro do povoado seu contemporâneo da Torre do Esporão, naquele mesmo concelho. Faz parte deste mesmo grupo de produções coroplásticas fragmento procedente do povoado do Cerro dos Castelos de São Brás (Serpa), com recorte trapezoidal, onde se observam dois pequeníssimos olhos e os seios. Pedacos de placa antropomórfica de cerâmica, do povoado do mesmo período da Casa Branca (Serpa), estavam distanciados cerca de 30 metros. No Algarve, foi detectado, no povoado do Cerro dos Castelos de Santa Justa (Alcoutim), parte de prótomo antropomórfico de figurinha certamente semelhante às acima referidas e que integrava área correspondente a cabana.

Pequena escultura afim das acima mencionadas foi descoberta na gruta de La Pileta (Benoa-jam, Málaga), mostrando corpo achatado, de contorno bitriangular, os olhos, os seios e a zona púbica pontilhada. Não nos parece, pois, despropositado interpretar que tais imagens constituíssem objectos domésticos, com função religiosa, e que tivessem sido intencionalmente fragmentadas, no seio de ritual mágico-religioso, sendo os seus pedaços deixados em diferentes lugares dos povoados, talvez, mesmo, enterrados sob as casas.



Comportamentos semelhantes, ligados com a fertilidade e a protecção dos lares, têm sido detetados em diferentes regiões do Leste Europeu e do Mediterrâneo Oriental, nomeadamente na Síria, onde, durante o III milénio a.C., numerosas figurinhas de cerâmica, algumas das quais de morfologia sintética, também com o corpo achatado e grandes triângulos púbicos pontilhados, ou, ainda, onde se utilizaram incrustações de massa branca na valorização daqueles elementos simbólicos, aproximam-se das encontradas em VNSP e em outros povoados seus contemporâneos.

As práticas mencionadas parecem repetir, metaforicamente, tanto gestos como a concepção abstracta que preside à agricultura, fazendo-nos, de certo modo, recordar o mito de Mot, moido pela deusa Anat e semeado pelos campos, dado que o sacrifício supremo, mesmo o da divindade, se torna em elemento primordial no processo de regeneração da Vida.

No entanto, é possível que as representações comumente denominadas deusas-mãe correspondam, de facto, a uma pretensa unidade constituída, afinal, por diferentes divindades femininas ou que estas tenham sido nela sincretizadas.

## 6. "Ídolos cilíndricos"

Conhecem-se cerca de uma centena, com diferentes dimensões, oscilando entre os poucos centímetros de altura até exemplares que, quando completos, atingiriam trinta ou mais centímetros.

A grande maioria foi afeiçoada em calcário, de cor branca, registando-se ocorrências de calcite, de cerâmica e de osso.

O antropomorfismo destas peças, normalmente integradas na categoria dos bétilos, atinge elevado grau de sintetismo, estando reduzido à forma cilíndrica, embora, em alguns casos, seja realçado, através da gravação de olhos ou de sulcos paralelos, que parecem representar tatuagens faciais, algumas delas com forma lunular. Tem-se colocado a hipótese de elementos actualmente sem decoração poderem ter sido primitivamente pintados, embora em nenhum daqueles se descobrisse ineludíveis vestígios de pigmentos.

Os "ídolos cilíndricos" foram considerados como duplos dos mortos ou receptáculos capazes de conservarem as almas daqueles até ao dia da ressurreição, problemática que se deve, em grande medida, ao facto de os primeiros exemplares identificados provirem de contextos funerários. Todavia, hoje conhecem-se, além de VNSP, outros povoados onde foram encontrados artefactos do mesmo tipo (Zambujal, Leceia, Parede, Perdigões, Escoural, São Mamede, Rotura, Monte da Tumba).

"Ídolos cilíndricos" de calcário.  
Foto: José Pessoa/DDF/IPM



A sua presença em áreas de *habitat* pode tanto decorrer de ali terem sido produzidos, como da existência de pequenos santuários, talvez dedicados aos antepassados e às divindades capazes de não só os protegerem como de emprestarem bem-estar à comunidade dos vivos.

A cor branca da grande maioria das matérias-primas utilizadas na manufatura dos “ídolos cilíndricos”, por certo que desempenhou importante significado, conotando-os com a pureza, a morte e o renascimento, mas, ainda, com o frio mundo lunar próprio da esfera feminina, condição realçada em exemplar de Leceia onde se observa clara representação do sexo.

Alguns “ídolos cilíndricos” de VNSP mostram singelas tatuagens faciais, em certos casos pequenos pontos figurando os olhos, mas não os olhos em forma de Sol que observamos em espécimes melhor conhecidos no Algarve e na Andaluzia, que podemos atribuir à representação da grande deusa-mãe mediterrânica.

A dispersão destes artefactos circunscreve-se ao Sudoeste Peninsular, da Península de Lisboa à Andaluzia Ocidental, embora sendo pouco comuns em Espanha.

Placa de xisto gravada.  
Foto: José Pessoa/DDF/IPM



## 7. Placas de xisto

Conforme escreveu Victor Gonçalves, “[...] à parte raros exemplos do Sul de Espanha, as placas de xisto são um fenómeno tão ‘português’ que é difícil resistir-lhe”.

Elas foram, ainda no século XIX, interpretadas como amuletos, insígnias ou objectos de culto, ligadas a rituais funerários, dado os contextos que integravam, e atribuídas ao Neolítico. Mais tarde, acreditou-se constituírem duplos ou repositórios das almas dos mortos. Um exemplar chegou a ser observado sobre o peito de indivíduo jovem, inumado na Cova de Lapas (Montes, Alcobaça), embora sejam mais comumente interpretadas como representações de divindade neolítica feminina, tutelar da vida e da morte. Em ocorrências mais tardias surgem os grandes olhos solares e, por vezes, tatuagens, simbologia própria da grande deusa-mãe calcolítica.

Além de pequena placa completa, de contorno trapezoidal, e que reutiliza porção de outra de grandes dimensões, foram exumados, em VNSP, numerosos fragmentos de placas de xisto, boa parte dos quais mostrando decoração gravada, principalmente constituída por linhas ou teorias de triângulos preenchidos por finas retículas. Dois exemplares, conservando a extremidade distal, oferecem, em reserva, forma triangular invertida, ladeada por linhas horizontais, permitindo a sua interpretação como correspondendo a cabeça de forma antropomórfica.

O antropomorfismo destes ideóartefactos, cujas funções constituem ainda muito de enigmático, é realçado em fragmento, de VNSP, contendo a representação de dois enormes olhos.

A presença, no povoado de VNSP, de placas de xisto, e sobretudo dos seus fragmentos, pode conduzir a diversas explicações. Elas poderão provir de monumento funerário neolítico des-



mantelado na zona de *habitat* ou nas suas proximidades, terem sido ali produzidas em período anterior ao da implantação daquele ou, mesmo, serem suas contemporâneas e utilizadas em actividades sócio-religiosas ali desenvolvidas, hipótese que julgo menos provável, dado o estado de conservação assinalado.

Além de VN-SP entregaram placas de xisto, ou fragmentos daquelas, alguns povoados calcolíticos (Zambujal, Perdigueiros, Pedrão, Monte da Tumba), identificando-se no Pé da Erra (Coruche) possível *habitat* calcolítico (?) onde tais artefactos eram manufacturados.

## 8. Placas de cerâmica decoradas

A. do Paço e E. Jalhay mencionaram, desde os primeiros trabalhos em VN-SP, o achado de grande quantidade de placas de cerâmica, a maioria das quais com contorno sub-quadrangular e providas de orifícios junto aos cantos.

Apesar de algumas interpretações discordantes, as placas mencionadas foram, desde muito cedo, dados os paralelos com artefactos afins proto-históricos, romanos ou, mesmo, subcontemporâneos, consideradas como pesos de tear ou, pelo menos, utilizadas na tecelagem, atribuição que, ainda hoje, se conserva pacífica. Contudo, a forma e a perfuração das mais de mil “placas de barro” de VN-SP não permitem que aceitemos não reflectirem funções ou gestos técnicos, embora, no caso de corresponderem a pesos de tear, possam não só mostrar outra forma, como aliás sucede com artefactos ali exumados, como conterem apenas duas perfurações.

A. do Paço e E. Jalhay contornaram aquele problema afirmando, por um lado, que em geral só dois dos quatro furos mostravam sinais de utilização e, por outro, defendendo que a ausência de tais vestígios indicaria terem sido produzidas no povoado, mas destinadas a serem usadas em outro local.

Segundo podemos deduzir, as características morfológicas das peças em apreço podem, de facto, estar ligadas à tecelagem, mas não a teares de pesos, ou não essencialmente àqueles, e talvez antes à produção de faixas entrançadas pelo processo das placas, assim se obtendo panos, mais ou menos largos, que eram depois cosidos uns aos outros. Deve, pois, ser liminarmente afastada a interpretação que incluía as placas referidas, embora com algumas hesitações, na categoria dos ídolos calcolíticos ou argáricos.

A produção de tecidos, de lã ou de fibras vegetais, encontra-se indirectamente documentada em VN-SP, não só através das placas de cerâmica, mas de fusaiolas e de pequenos carretes, também de cerâmica, podendo, ainda, ter contribuído para tal os muitos artefactos de uso agrícola ali exumados, designadamente as centenas de lâminas ovóides ou “foicinhas”, sabendo-se que as populações calcolíticas da região cultivavam, entre outras espécies, o linho (*Linum humilde* Mill e *Linum usitatissimum* L.). Este era derivado do linho espontâneo ou bravo, de dispersão eurome-



Placa de cerâmica decorada.  
Foto: José Pessoa/DDF/IPM

diterrânica (*Linum hispanicum* Mill) e com origem na Ásia Menor, tendo sido identificado em diferentes pontos do Próximo Oriente (Jerico, Tell Aswad, etc...) a partir de cerca de 7000 a.C.

Foram descobertas sementes de linho em VNSP, tal como no povoado seu contemporâneo do Zambujal (Torres Vedras) e, recentemente, foi posto em evidência o papel da tecelagem do linho no crescimento económico e no desenvolvimento do poder das elites político-religiosas da Mesopotâmia, modelo que, com as devidas precauções, nos pode ajudar a avaliar a importância da indústria têxtil no Calcolítico da Estremadura e explicar, um pouco melhor, as suas tão numerosas placas de cerâmica.

Às "placas de barro", de VNSP, haveria A. do Paço de dedicar estudo monográfico, designadamente às que ostentam decoração incisa, em uma ou ambas faces, que compara com manifestações artísticas variadas, como decorações cerâmicas e pinturas, dolménicas ou rupestres. Contudo, reconhece não ter encontrado, naquelas peças, representações antropomórficas, idênticas às que acompanham os paralelos detectados.

As placas de barro de VNSP apresentam gramática decorativa que integra quatro grandes grupos de motivos: antropomórficos, zoomórficos, astrais e geométricos. Elas apresentam, não raro, ornamentação nas duas faces, embora quase sempre de tipos diferentes.

No grupo das decorações antropomórficas incluímos as raras figurações de tatuagens faciais, algumas sugerindo forma lunular, e de símbolos sexuais femininos.

O conjunto de temas zoomórficos mostra imagens esquemáticas de cervídeos, talvez de bóvidos e de ofídeos, enquanto os astrais correspondem sobretudo a soliformes. Estes não apresentam desenho padronizado e ocupam, quase sempre, o centro de uma das faces das placas. Um deles surge envolvido por espécie de cartela quadrangular subdividida, sugerindo registo do tipo calendário.

Por fim, os motivos de carácter geométrico são não só os mais abundantes como apresentam maior diversidade. Reconhecem-se desde simples traços dispostos em cruz ou constituindo quadrados, até conjuntos de linhas paralelas, cruzadas e formando retículas, agrupadas em espinha ou desenhando arboriformes, tal como ondulados ou ziguezagues, organizados em teorias, havendo ainda placas com as faces decoradas por pequeníssimas impressões circulares, dispersas ou alinhadas.

Na variada iconografia registada detectam-se elementos conotados com a fertilidade, incluindo alusões a divindade feminina, reflectindo aspectos da superestrutura religiosa calcolítica.

Alguma daquela temática é idêntica à que ostentam artefactos com carácter mágico-religioso contemporâneos, alguns dos quais já referidos, sugerindo estreita relação entre a tecelagem e o sagrado.

A evidente ligação da tecelagem com a deusa-mãe tem longínquos antecedentes nos Balcãs e na Ásia Menor (Çatal Hüyük), a partir do VI milénio a.C.. Afinal a tecelagem, ainda hoje conotada com o destino, é um acto criativo e complexo, em muito paralelo ao do nascimento.

No Ocidente Peninsular, de clima mais húmido durante o Calcolítico, os tecidos, de lã e, sobretudo, de linho, dado constituírem estes últimos produtos raros, símbolos de aquisição,



que prestigiariam líderes e, talvez, divindades, detiveram importante papel nas redes de trocas então verificadas, provavelmente a par do cobre.

A organização daquela produção, apesar de poder ter-se circunscrito ao âmbito familiar e com desempenho preponderante das mulheres, é bem possível que estivesse controlada pelas elites que detinham o poder e ocupavam as cidadelas dos grandes povoados fortificados calcolíticos. Destes locais de administração política e religiosa emanariam as directrizes técnicas e rituais ligadas àquela produção especializada, incluindo os aspectos iconográficos referidos, que funcionariam como elementos apotropaicos e memorativos da divindade tutelar.

## 9. “Ídolos de gola” e “ídolos garrafa”, nunca mais...

A. do Paço e E. Jalhay referem, logo no seu primeiro trabalho sobre VNSP, a existência de “ídolos”, “[...] formados por uma peça óssea, cilíndrica, com uma espécie de gola numa das extremidades, a fim de nela se prender um fio de suspensão”, enumerando alguns paralelos detectados em outras estações arqueológicas da Estremadura.

Nos textos ulteriores continuam a aludir aos pequenos cilindros de osso, de marfim ou de calcite, sendo os “cilindros de osso com gola” citados entre o espólio que A. do Paço exumou nas grutas do Poço Velho (Cascais), embora sobre eles não teça novas considerações.

M.J. Almagro Gorbea chama-os “ídolos fabricados em osso” e associa-os aos ídolos cilíndricos de pedra, não conferindo importância à presença da gola que, em geral, demarca uma das extremidades. Todavia, trata pequenos objectos bitruncocónicos, de pedra, osso ou cerâmica, surgidos em contextos calcolíticos, a que chama “ídolos tolva”, igualmente com paralelos em VNSP.

Na bibliografia portuguesa tais artefactos, aparecidos tanto em necrópoles como em povoados, surgiram com a denominação de “ídolos com gola” e de “ídolos em forma de garrafa”, enquanto na francesa se traduziram por “idole en os à col”, embora muito pouco se tenha escrito sobre tais peças. Victor Gonçalves classificou aquelas expressões, a propósito de exemplares do Cerro do Castelo de Santa Justa (Alcoutim), como “tecnicamente absurdas”, embora aceite tratar-se de “representações” que inclui nos “artefactos relacionados com o sagrado”.

Apesar da problemática que sempre envolveu os paralelismos, formais e funcionais, entre os artefactos pré-históricos e os utilizados pelas sociedades etnográficas, actuais ou subactuais, a larga dispersão, da América do Sul à África ou ao Sudeste Asiático, do uso de objectos de adorno semelhantes aos “ídolos de gola”, conduz a que não possamos aceitar aquela classificação funcional, apesar de tão divulgada.



Objectos de adorno de osso.  
Foto: José Pessoa/DDF/IPM

Como ainda hoje acontece em diversas sociedades das regiões indicadas, tais peças com forma cilíndrica ou ligeiramente espessadas no volume mesial (como o magnífico exemplar de marfim encontrado em VNSP), oferecendo gola distal ou estreitamento mesial e forma bitronco-cónica, seriam usadas como objectos de adorno e de prestígio. Eles eram ligados aos estatutos sociais, sendo presos, através de orifícios, ao lóbulo ou ao pavilhão das orelhas, ao septo ou nas asas do nariz, mas também nos lábios, superior ou inferior, conforme ilustram os inúmeros paralelos disponíveis.

Além do significado social, e de corresponderem a elementos de estética corporal, é possível que os adornos cilíndricos contivessem alusões mágico-religiosas, talvez de carácter apotropaico, relacionadas não só com a sua morfologia algo variada, embora sinteticamente antropomórfica, mas, também, com a matéria-prima com que foram produzidos, a sua cor e alguma singela decoração que utilizaria materiais perecíveis. As golas observadas em alguns exemplares permitiam uma melhor fixação daqueles.

## 10. Suportes de lareira

No relato da campanha efectuada em 1944, A. do Paço regista o surgimento de "[...] enorme cinzeiro, com um depósito notável de ossos queimados e fogareiros de barro, [...]", artefactos que, em nota de pé de página, especifica tratar-se de "[...] objectos cónicos de barro vermelho, pouco consistente, que aparecem, as mais das vezes, de permeio com as cinzas" e a que também denomina "pés de fogareiros".

Os restos de combustão referidos identificaram-se em ampla zona escavada no substrato rochoso, devendo corresponder à estrutura latente de cabana.

Cerca de uma década depois, voltam a ser caracterizadas as condições de jazida dos "pés de fogareiro", encontrados no "estrato inferior" e incluídos em dois tipos distintos.

VNSP haveria de entregar dezenas de fragmentos e alguns dos artefactos acima referidos, quase completos. Estes apresentam acentuado polimorfismo, reconhecendo-se desde peças subcilíndricas e subcónicas, a outras com duas ramificações, mais ou menos desenvolvidas, que conduziram à denominação, muito generalizada, de "ídolos de cornos". Assentam em base plana e a grande maioria mostra pequena perfuração circular a meio do corpo ou, apenas, pequena concavidade. Não raro ostentam decorações incisas, algumas figurando tatuagens faciais e outras cabeleiras, aspectos que em muito contribuíram para a designação acima assinalada.

Nos últimos cinquenta anos têm surgido, com assinalável frequência, produções coroplásticas do mesmo tipo, sempre em contextos de *habitat* calcolíticos (Pico Agudo, Cabeço da Bruxa, Lexim, Leceia, Penha Verde, São Brás, Vidigueira, Santa Justa).

A variante formal, com figuração do sexo ou do ônfalo e armação desenvolvida, como o exemplar de VNSP que H.N. Savory atribuiu à sua primeira fase de ocupação e classificou

Suporte de lareira de barro.

Foto: José Pessoa/DDF/IPM





como “suporte de lareira para espetos ou vasos”, parece encontrar possíveis protótipos nos Balcãs Orientais, durante o V milénio a.C. (Gulmenita e Vinça), um dos quais apresenta seios, ou na Anatólia, Norte da Síria, Palestina e em diferentes pontos do Egeu. Os mais semelhantes, também produzidos durante o III milénio a.C., provêm de contextos habitacionais ou, mais raramente, cultuais (Mersin, Tepe Gawra, Nuzi, Tell Brak, Alishar, Tarsus, Beycesultan, Asine...), onde têm sido correctamente interpretados como suportes de lareira, indicando-se a sua origem na Anatólia Oriental e no Noroeste da Mesopotâmia.

A função destas peças, como muitas outras provenientes de ambientes calcolíticos, deve relacionar-se com estruturas de combustão, ali sendo utilizadas como “suportes de lareira”, conforme observou H.N. Savory e melhor divulgaram J.L. Cardoso e O. da Veiga Ferreira, embora mantenham vincado carácter mágico-religioso.

A clara alusão a divindade feminina existente em muitos suportes de lareira, através de elementos iconográficos que também descobrimos em outros artefactos, tanto ideotécnicos como sóciotécnicos, relaciona-se com o fogo do lar, que ilumina, aquece e funde o cobre, conforme sugere o registo arqueológico.

O carácter protector daquela deusa em relação à célula familiar e a sua representação junto ao fogo recorda as sempre-noivas, elementos antropomórficos bem conhecidos até há alguns anos atrás, nas lareiras e chaminés das sociedades rurais peninsulares, onde desempenhavam importantes funções apotrópicas.

O que julgamos constituírem duas miniaturas de tais peças foram também descobertas em VNSP, conhecendo-se outra, embora algo distinta daquelas, procedente da *tholos* do Escoural (Montemor-o-Novo).

Podem integrar o mesmo contexto sócio-religioso, das miniaturas citadas, os corninhos de cerâmica de VNSP e de muitos povoados calcolíticos da Estremadura e Alentejo, onde é possível que tenham sido utilizados como amuletos, representando, uma vez mais, a grande deusa da fertilidade.

## 11. Conclusões

Apesar de não dispormos de interpretações precisas, não duvidamos que numerosos artefactos de VNSP reflectem aspectos da superestrutura sagrada, indicando sociedade cujo quotidiano seria profundamente ritualizado e a religião centrada em superdivindade feminina, uma deusa-mãe, protectora da fecundidade humana e da fertilidade em geral. É bem possível que a organização político-social de então estivesse baseada em forte teocracia, de inspiração monoteísta, cuja elite religiosa controlasse os principais meios de produção, as tecnologias e as redes comerciais geradas pelo sobreproduto económico, nomeadamente derivado da manufactura de artefactos de cobre e de tecidos de linho.

A omnipresença da deusa revela-se através de interessante polimorfismo simbólico, sugerindo a aglutinação de contributos com origens diversas e, até, sincretismos com outras divindades, tanto em artefactos de uso especificamente ritual, como apotropaico ou apenas ligados à vertente económica, conforme exemplificam os suportes de lareira antropomorfizados e as placas de cerâmica decoradas, utilizadas na tecelagem.

A deusa-mãe oferecia infindável potencial regenerador, conforme releva iconografia de anatomia desproporcional, onde preponderam os olhos solares, radiados ou, mais comumente, rodeados por enormes pinturas ou "tatuagens", os longos cabelos ziguezagueantes, como as torrentes de água purificadora, a nudez que deixa observar os seios com que alimentava os seus "filhos" e o ventre fértil, onde o sexo surge, não raro, explicitamente representado, como divindade do amor e da maternidade.

A ela se associaram, ainda, símbolos como o botão ou a flor de lótus, conforme ilustram magnífico exemplar de calcário e cabeças de longos alfinetes de cabelo, o falcão que representa o "jovem deus", os corniformes, sugerindo a abundância e que são adereços de numerosas divindades orientais, as decorações geométricas, designadamente as reticuladas que aludem ao género feminino, mas, também, as cores branca, dos frios artefactos de calcário, e vermelha, vivificadora, usada nos engobes cerâmicos, na pintura de outros artefactos, como, possivelmente, sobre o corpo.

De onde advinha, afinal, o enorme poder da deusa-mãe e a apropriação da simbologia solar? A questão não encontra resposta simples, mas podemos recordar que, apenas no Levante e na Ásia Menor, o Sol era considerado como pertencente ao género feminino.

O discurso iconográfico, formal e decorativo, dos artefactos analisados, indica, de facto, componente com estreita génese em protótipos existentes em diferentes pontos do Mediterrâneo Oriental, principalmente na Anatólia e na Síria, fundidos no Extremo Ocidente Peninsular, reflectindo invulgar florescência cultural e complexa matriz ideológica, cujos contornos ainda são quase desconhecidos.